

A LITERATURA E OS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Poliana Duarte Braga e Bragança¹ (FABRAI)

RESUMO: *A compreensão do papel da mídia de massa na sociedade contemporânea, de sua aplicabilidade como suporte à democratização da Literatura, e, também, como agente de re-significação desta, é questão primordial ao desenvolvimento de novos caminhos à produção e apresentação de obras literárias. O rápido avanço tecnológico e o crescente acesso aos meios de comunicação, que implicam em mudanças irreversíveis no habitus sócio-cultural da humanidade, sinalizam a construção de novas formas de leitura - que ainda hoje estão muito restritas aos recursos impressos. Este roteiro propõe uma reflexão sobre o impacto causado pelos meios de comunicação de massa, em especial a Internet, à Literatura.*

PALAVRAS-CHAVE: mídia, massa, comunicação, indústria, Internet.

Introdução

Analisar a apropriação e a produção de obras literárias pelos veículos de comunicação de massa na sociedade contemporânea é questão que exige multi e interdisciplinaridade do olhar científico, além de uma contextualização histórico-social. Alguns estudiosos defendem que as adaptações literárias são, em suma, um explícito esvaziamento e banalização do conteúdo das obras. Outros afirmam que a iniciativa é uma possibilidade de democratização da cultura clássica, principalmente quando o meio analisado é a televisão. E ainda, há os que argumentam na transposição de meios – do impresso para o digital – uma intencional re-significação das mensagens, já que é possível surgir o papel dual do leitor-autor. Entendendo que essas, e várias outras reflexões sobre as práticas de disseminação e produção literárias no mundo considerado global sejam pertinentes, este roteiro se propõe a avistar o re-posicionamento de alguns personagens que compõem a clássica mediação autor / literatura / meio / leitor, na atualidade.

A princípio vale resgatar alguns fatos que geraram a re-alocação de papéis. Primeiramente, a Revolução Industrial - que é um marco no favorecimento ao acesso, à reprodução e à multiplicação de bens, produtos e serviços -, e, em consequência, a consolidação da chamada cultura de massa – que é resultante da dissolução do sistema tradicional de diferenças sociais. Para servir de fundamento ao que se afirma, destaca-se uma citação do capítulo II da dissertação *Espaços Contemporâneos de Consagração e Disseminação da Literatura Brasileira*:

A indústria cultural, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa surgem como funções do fenômeno da industrialização. É esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determina um tipo particular de indústria (a cultural), e de cultura (a de massa). (OLIVEIRA, 2006, p.72 apud COELHO, 1996, p.10)

Com a indústria em franca expansão, e uma significativa camada de novos consumidores de baixa renda (o proletariado), estabelece-se um espaço para a produção facilmente consumível da

¹ Poliana BRAGA, Jornalista, Relações Públicas, Especialista em Marketing, Mestranda em Administração de Marketing (Faculdade Brasileira de Ciências Exatas, Humanas e Sociais, Departamento de Relações Públicas). E-mail: polianabraga@gmail.com.br

indústria cultural. O mercado editorial cresce com o aquecimento da imprensa e a venda de reproduções de obras literárias a preços reduzidos aumenta, graças à invenção de Gutenberg. Surgem nas artes plásticas às réplicas de pinturas e esculturas, e têm-se o início da fotografia – uma das invenções que melhor caracteriza o surgimento de uma nova compreensão do homem e do mundo –; nas artes cênicas: a abertura de novos teatros, a redução dos preços dos ingressos, o reforço dos pastiches e da arte mambembe; nasce o cinema e, no Brasil, chegam os filmes americanos e tem-se início a uma produção nacional, que é, a princípio, o reflexo dos teatros de revista.

O acesso das massas aos bens culturais foi favorecido pelo avanço tecnológico – reprodução em série e ampla difusão eletrônica e digital – mas, e talvez principalmente, pelos interesses capitalistas. Longe de uma visão sacralizada da arte, tal movimento de apropriação e reprodução em escala trouxe consequências irreversíveis para a formação da sociedade. “A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico. Como este depende da materialidade da obra, quando ela se esquia do homem através da reprodução, também o testemunho se perde.” (BENJAMIM, 1969).

Alguns dos grandes prejuízos culturais desse processo foram a não formação de um receptor – leitor crítico; e, em paralelo, o surgimento de uma nata de pseudo-intelectuais que passaram a gerir a indústria cultural e os meios de comunicação de massa. Mesmo sem ter profundidade teórica e literária suficientes, coube a eles a publicação de matérias em jornais, edição de programas de rádio e televisão, bem como a divulgação e lançamento de novas publicações. Por esse pioneirismo conquistaram o título de *experts* e passaram a ter palavras incontestes, alguns até aos dias de hoje.

O homo insipiens (idiota e, simetricamente, ignorante) sempre existiu e foi numeroso. Mas até o advento dos instrumentos de comunicação de massa o “grande número” dos ignorantes se encontrava espalhado em lugares diferentes e por isso mesmo parecia quase irrelevante. As comunicações de massa, porém, criam um mundo em que os seus habitantes podem ser convocados e os “dispersos” podem se encontrar, “reunir em assembléia” e, desse modo, formar massa e adquirir força. Em princípio está correto; na prática, porém, menos. Neste sentido, um fator recente a entrar em campo atualmente é, sobretudo, a Internet, abrindo um novo e gigantesco jogo. (...) É verdade que homens debilitados de mente e de espírito sempre existiram, mas há, porém, uma diferença: os “idiotas” do passado não tinham qualquer importância, pois eram neutralizados na sua vasta dispersão, ao passo que os “nécios” de hoje se procuram mutuamente, e coligando-se, multiplicam-se e potenciam cada vez mais. (SARTORI, 2001, p.134,135)

Apesar de tantos desvios e deficiências dos processos que envolvem as produções da indústria cultural, é impossível negar seu imprescindível papel na redução das desigualdades culturais. Ela permitiu ao proletariado intelectual, e que passou a ter acesso à escola e aos bens de consumo, um pouco mais de conhecimento da realidade mundo. E, mais do que isso compartilhou, e em alguns casos até “elitizou”, manifestações da cultura popular, como a capoeira, o samba e a literatura de cordel, tão enraizados na massa brasileira.

1 Mundo contemporâneo

A sociedade pós-moderna apresenta-se sem uma real motivação vanguardista e de ruptura. Talvez porque a realidade da globalização, os princípios políticos e econômicos do neoliberalismo, a realidade social que privilegia a individualidade, e a explícita pasteurização da arte tenham embrutecido os valores e estilos. A novidade, a genialidade e a criação ficaram relegadas às cópias ou, quando muito, às releituras. E o acesso facilitado ao “conhecimento” criou um pretenso senso de olhar crítico, um *cult* popularesco.

Tamanha banalização reflete-se na proporcional e invertida relação: extensa quantidade de publicações e facilidade de acesso *versus* baixa qualidade intelectual da sociedade. Nunca se publi-

cou e vendeu tantos livros, sobre tão variados assuntos, como nos dias atuais. As prateleiras físicas e virtuais das livrarias estão abarrotadas de títulos sobre auto-ajuda, alguns de cunho esotérico oferecem até brindes. Autores ganham destaque sob os holofotes da mídia não pelo conteúdo de suas obras, mas pelas personagens extravagantes, exóticas e misteriosas que construíram de si mesmo – Bruna Surfistinha, Paulo Coelho, são apenas alguns exemplos. Ainda, a mídia que utiliza um ‘verniz intelectual’ - tática ação de *marketing* – e publica estrofes e versos de poemas, poesias, contos de grandes escritores, acompanhados de emocionantes fotografias, para maquiagem um conteúdo folhetinesco e meramente de colunismo, como a Revista *Caras*.

Menor é a consistência intelectual da maioria, menor a capacidade de escrita e reflexão e, socialmente, são maiores os índices de violência e a descaracterização dos princípios de humanidade na sociedade em que vivemos. No livro *Homo Videns: Televisão e Pós-Pensamento*, Gilberto Sarto-ri afirma que

Primeiro fabricamos, mediante o processo educativo de diplomação, uma *Lumpenintelligencia*, um proletariado intelectual de nenhuma consistência intelectual. Tal proletariado do pensamento foi mantido durante longo tempo marginalizado; mas na medida em que foi crescendo e se multiplicando, penetrou gradativamente na escola, rompeu todos os diques com a “revolução cultural” de 1968, (a nossa revolução, não aquela de Mao) e encontrou o seu terreno de cultura ideal na revolução dos *mass media*. Esta revolução a essa altura é quase totalmente tecnológica, de inovação tecnológica. Não requer sábios, nem sabe para que servem as mentes que pensam. Os meios de comunicação, e, sobretudo a televisão, agora são geridos pela subcultura, por pessoas sem cultura. E pelo fato que as comunicações são um instrumento formidável de autopromoção, isto é, comunicam de maneira obsessiva e sem parar que precisamos nos comunicar, bastaram apenas poucas décadas para criar o pensamento do tipo *caldo ralo*, isto é, um clima cultural de melão mental, e falanges cada vez maiores de zerados mentais. (...) Hoje estão se alaistrando cada vez mais as mentes débeis, justamente porque dão de cara com públicos que nunca foram treinados para pensar. (SARTORI, 2001, p. 137, 138)

Neste mundo das efemeridades e celebridades voláteis, há pouco espaço para a valorização de conteúdo. Sufocada pela pressão do tempo, foco do rápido avanço tecnológico e vítima patológica de um explícito desinteresse intelectual, a atual geração sofre com seu despropósito existencial e depara-se com a dualidade: ou submete-se à massificação do pensamento (não há resistência nessa submissão e, muitas vezes, nem consciência da mesma), ou encontra refúgios em guetos marginais (onde não há característica explícita de contestação).

Há ainda os grupos que querem causar estranhamento, sem agredir a sociedade, por meio de atitudes, comportamentos, e estilos diferenciados, sem com isto buscar a reivindicação de alguma causa. O objetivo é meramente estético e midiático. Simplificadamente, chamar atenção. Prova disso é a realização mundial de *flash mobs*².

1.1 A atual geração midiática

Na Internet é possível encontrar espaços dedicados à escrita e à discussão literárias que acabam reunindo, mesmo que só virtualmente, pessoas interessadas em aprofundar debates e compartilhar conhecimentos. Apesar desse esforço, pela própria característica do meio - impessoalidade e pouca aceitação da prolixidade -, não se consegue o mesmo enriquecimento e produção adquiridos nos encontros presenciais.

É pertinente considerar que a rápida proliferação mundial da Internet é decorrente não apenas dos avanços tecnológicos, mas, também, de uma geração que prefere o distanciamento – portanto, desenvolve relações menos profundas e idealizadas. Uma geração conformada, que não se engaja em movimentos de mobilização, e não tem um discurso contestatório.

² Rápidas mobilizações em espaços públicos, sem fins de contestação, e meramente estéticas. São consideradas por algumas mídias como ‘Performance artística’ - Revista Wired.- www.riofm.blogger.com.br

Negar o velho para proclamar o novo foi sempre a estratégia das vanguardas, vide os Andrade no *Manifesto Antropofágico*. (...) daí a necessidade visceral que têm de manifestos, cartas-abertas e outros instrumentos de delimitação estético-filosófica. Como “arte em busca de fundamento”, as vanguardas requerem ação disciplinada de seus fiéis, um corpo de vigilantes que impeça relaxamentos, excessos ou desvios e exibem surpreendente caráter teatral. (MOURA, 2002, p. 183)

E, como a arte, em especial a Literatura, manifesta-se como espelho de seu tempo e espaço, a tendência é de que, cada vez mais, a produção literária assuma características do mundo cibernético/digital: linguagem sintética e simbólica, em muitos casos até pictórica e semelhante à das cavernas – vide os *emoticons*³; minimalismo e reducionismo (*hai-kai*); maior capacidade de interatividade de autor-leitor; aumento da percipibilidade; e até pouca pessoalidade. Conforme tradução de citação de Umberto Eco em *Os Desafios da Escrita*

O problema da cultura européia (ou universal) do futuro não consiste no triunfo de um poliglôtismo total (aquele que soubesse falar todas as línguas seria semelhante a Funes, el Memorioso, de Borges, com sua mente ocupada por uma infinidade de imagens), mas em uma comunidade de pessoas que podem aprender o espírito, o perfume, o ambiente de uma fala diferente. (ECO, 1994 apud CHARTIER, 2002, p. 18)

1.2 A Literatura na Internet

É neste contexto que se propõe a análise da Literatura e sua apropriação pela Internet. Opta-se pelo termo apropriação, ao invés de divulgação e/ou publicação, porque ao reproduzir uma obra literária – integral ou parcialmente -, a Internet lhe confere novo significado, redefine os limites e formas para a leitura, além de abrir espaço para uma maior interatividade que pode, inclusive, modificar o contexto e descaracterizar a autoria.

A Internet possibilita a criação de uma Literatura móvel, absolutamente flexível e com infinitudes de começos, meios e fins. Os papéis e atribuições do autor e leitor podem até se confundir, criando protagonistas misóginos como o autor-leitor e o leitor-autor. Essa ampla mobilidade atende ao ideário de uma literatura interativa, contudo, tendo em vista a pouca profundidade da cultura de massa e sua alienação intelectual, questiona-se a qualidade dessas possíveis futuras produções.

Não se pode esquecer, ainda, que para a compreensão e produção de obras literárias, além do domínio da língua, é necessário ter uma capacidade cognitiva mínima suficiente que possibilite a criação de significados e interpretações. Assim, ler e escrever são ações que pressupõem muito mais que a mera capacidade do ajuntamento de letras. É um processo inteligente de codificação, decodificação, associação e expressão.

Somam-se a todos esses fatores a não linearidade e a não pessoalidade da leitura na Internet, características presentes nos livros impressos. A relação de manuseio das folhas, anotações nas laterais, a facilidade de fixação dos olhos na superfície do papel, em contraponto aos hipertextos, aos rolamentos de barras, à tela de cristal líquido, ao teclado. Na Internet,

Todos os textos sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir da sua própria materialidade. Surge disso uma primeira inquietação ou confusão dos leitores, que devem enfrentar o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis, materiais, que lhes permitiam distinguir, classificar e hierarquizar discursos. (CHARTIER, 2002, p. 23-27)

³ *Emoticons* – símbolos criados para expressar sentimentos, alegrias, ações e atividades na Internet. Podem ser símbolos desenhados em programas específicos, ou montagem de sinais. Ex.: ☺ (Tudo bem) ☹ (Tristeza) 💣 (Raiva, explosão, ira); ainda: :-) (alegria) ; -) (combinado), etc.

Muda-se com essa transposição de meios para a veiculação da obra literária, também, a concepção de valor. A realidade do livro físico, que ocupa lugar na estante é uma. A do arquivo eletrônico, que pertence a uma biblioteca virtual, é outra. A redução dos custos para a aquisição das obras digitalizadas facilita o consumo de livros, mas não necessariamente favorece o aumento e a apropriação de conhecimento. Ou seja, a opção do livro eletrônico pode ser nova e somente mais uma inteligente investida do capitalismo.

Conclusão

É certo que o processo de digitalização e informatização da sociedade contemporânea é irreversível, portanto a grande preocupação para a preservação da Literatura, e de seu papel para o engrandecimento intelectual da sociedade, não deve estar focada no meio em si – papel ou arquivo digital –, mas nas formas de absorção do conhecimento pela população.

A discussão volta-se, então, para os processos de educação e formação. Ou seja, o exercício de uma Literatura que contesta, mobiliza e transforma. Neste sentido, encontra-se um novo papel para o escritor – o de protagonista de boas novas em uma sociedade descrente dos líderes, desesperançada quanto ao futuro e desiludida com a vida. Um arauto de novos sonhos e possibilidades. Alguém que escreve e se faz entender, sem rebaixar as regras da escrita e menosprezar a beleza da Língua Portuguesa. Talvez os novos meios, a Internet com primazia, surgiram para desafiar o *status quo* dos grandes sábios, questionar talentos e balançar estruturas rígidas.

Entretanto, toda ação de ruptura propõe novas visões e realidades. E, infelizmente, a destituição e a revisão propostas na substituição do meio impresso pelo digital não está, necessariamente, acompanhada de alguma genialidade criativa que altere favoravelmente o conteúdo. O que pode sinalizar um esforço apenas de ruptura pela ruptura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] OLIVEIRA, Leni Nobre de. **Espaços Contemporâneos de Consagração e Disseminação da Literatura Brasileira**. 2006. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais.
- [2] BENJAMIM, Walter. **A idéia do cinema**. Tradução: José Lino Grünnewald Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1969.
- [3,4] SARTORI, Giovanni. **Homo videns: televisão e pós pensamento**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- [5] MOURA, Roberto M. **Sobre cultura e mídia**. São Paulo: Irmão Vitale, 2002.
- [6] CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- [7] FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- [8] MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.